

## **DITADURA CIVIL-MILITAR EM RIO GRANDE: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA VIVÊNCIA DE FAMILIARES DE MILITANTES PRESOS**

**SINARA VEIGA FAUSTINO<sup>1</sup>; EDGAR ÁVILA GANDRA<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [veigasinara@gmail.com](mailto:veigasinara@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [edgargandra@yahoo.com.br](mailto:edgargandra@yahoo.com.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente resumo insere-se em uma pesquisa em andamento, analisando a vivência de esposas e familiares de militantes presos durante o Golpe de 64 na cidade de Rio Grande-RS. A produção acadêmica referente ao Governo militar em Rio Grande é significativa, no entanto aborda-se pouco sobre o que as famílias dos presos políticos vivenciaram durante o período. Assim, esse trabalho pretende discutir, por meio da História Oral, as experiências e memórias dessas pessoas. É digno de nota, que estamos na fase de coleta de fontes, esse trabalho procura responder questões relacionadas às experiências de vida dessas famílias, bem como refletir a sociedade riograndina frente a essa situação, e os preconceitos específicos no caso das esposas e companheiras, evidenciando o machismo dentro daquele contexto. Ao trabalhar com a história oral valoriza-se a memória daqueles que foram perseguidos, presos ou que de alguma forma foram afetados pela violência com que o Governo militar tratou seus opositores.

Por se tratar de um conteúdo histórico recente e ser um tema sensível socialmente, é necessário atenção ao trabalhar com essa temática, ocorrem debates, gerados na maioria das vezes por conta de memórias e perspectivas conflitantes. Ferraz (2007, p. 55) comenta que “A preservação da memória política da ditadura militar também deve ter uma função pedagógica, no sentido de ser pensada como uma lição para as próximas gerações, para que nunca mais venham a acontecer as atrocidades do passado”. É importante que relatos de pessoas que vivenciaram o período sejam ouvidos e analisados através de pesquisas, para que suas memórias contribuam para o debate e também para preservação da história, para que o Golpe que ceifou a democracia do país não seja esquecido.

A história da cidade de Rio Grande -RS tem a movimentação operária como uma forte característica, pois desde cedo se estabeleceu como um importante centro industrial, após o Golpe militar as prisões começaram a acontecer alguns dias depois (GANDRA, 2016). A cidade de Rio Grande - RS possui várias pesquisas relacionadas ao período da ditadura civil-militar, muitas tratando da participação de trabalhadores que atuaram como militantes, com grande participação de sindicalistas.

Partindo dessa perseguição aos militantes riograndinos que se iniciou a pesquisa, a partir da entrevista com um trabalhador que foi preso pelo Governo militar. De acordo com o relato do trabalhador, após a prisão a família ficou sozinha, contando apenas com amigos do sindicato, o resto da família e com um casal de vizinhos, tendo que lidar com as adversidades e com a forma com que a sociedade os tratava por ter ligações com um preso político, de acordo com Gandra (2016, p. 155) “Os amigos se afastavam entre si para não serem confundidos com os “perigosos comunistas”, expressão usada comumente pela população”. A análise

passou a focar-se na família deste militante, um portuário aposentado, em sua vivência no período em que ele foi preso.

Assim, a partir desse ponto a entrevista procura focar nos familiares de presos, em suas vivências durante o período militar. É importante analisar e debater também memórias de pessoas que normalmente não são levadas em conta, de excluídos. Assim a pesquisa busca contribuir para o debate de uma temática tão importante para a história do país, trazendo as memórias de quem muitas vezes é silenciado ou ignorado.

## 2. METODOLOGIA

Utilizando a história oral como metodologia, a pesquisa baseia-se em fonte orais, através de entrevistas com familiares de presos no Golpe de 64. A história oral contribui para a análise de fontes, mas é necessário um cuidado, relembrar da importância de uma reflexão a partir das memórias. A crítica e a análise por parte do historiador fazem parte da pesquisa, não se limitando apenas a entrevista. De acordo com Alberti (2004, p. 18) em seu Manual da História Oral, tal método busca “estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam”.

Nesse primeiro momento foram realizadas duas entrevistas, a aproximação se deu através de relatos de um militante preso, a partir dessa entrevista, por uma análise, viu-se a possibilidade de debater mais sobre a vivência da família e da esposa, que como mulher enfrentava não só as mazelas da militância do marido, mas também uma sociedade machista.

Assim, foi realizada uma nova entrevista, dessa vez com a esposa, um primeiro contato, já que trabalhando com a história oral e com o Golpe de 64, é necessário muitas vezes o desenvolvimento de uma confiança entre entrevistado e entrevistador, para que se possa abordar um tema tão delicado. Gandra (2016, p.141) afirma que “As famílias dos que foram aprisionados viveram, com toda a intensidade, essa tensão pós-64. O que era uma temerosa incerteza – as demissões e prisões – tornavam-se uma dolorosa realidade”. Trata-se de memórias dolorosas, que exigem um cuidado ao serem analisadas.

A presença da mulher dentro do contexto da ditadura civil-militar está sendo mais debatida atualmente, mas pouco se fala da mulher esposa ou companheira de presos, que mesmo não sendo militante compartilhava os infortúnios da vida militante de seus maridos/companheiros. O objetivo é realizar mais entrevistas, e a partir de mais relatos e de suas análises construir uma pesquisa que contribua para o debate historiográfico e dê espaço para sujeitos ainda não abordados dentro do tema.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se ainda em estágio inicial, apenas duas entrevistas foram realizadas e a partir daí espera-se realizar outras. A partir dos relatos colhidos pode-se iniciar a análise, mas são necessárias novas entrevistas, não só com os mesmo entrevistados, para tratar de mais detalhes e de memórias que talvez não tenham sido abordadas na entrevista já realizada, mas também com outros presos e seus familiares que também tiveram suas vidas marcadas pelo Golpe de 64. Quando

se trabalha com história oral é importante que o entrevistado se sinta seguro para falar, principalmente se tratando de temas sensíveis, como é o caso.

Montenegro (1992, p. 37) afirma que “[...] a fala é um instrumento de luta – fundamental – porque estabelece outras realidades a serem alcançadas”. A história oral não só trata da memória como uma importante fonte para a pesquisa, mas também dá voz a quem antes não era ouvido. Por meio do presente resumo, buscou-se contribuir para um debate historiográfico, trazendo para campo uma análise importante sobre a participação da mulher e de familiares, que mesmo não participando da militância compartilharam as mazelas dela com seus parentes presos ou perseguidos pelo Governo militar.

#### 4. CONCLUSÕES

É importante destacar as dificuldades que podem vir a aparecer durante a pesquisa, principalmente por se tratar de uma metodologia que depende de fontes orais, originárias de memórias pessoais, muitas vezes memórias que as pessoas buscam esquecer por serem dolorosas, como ficou evidenciado em nossas fontes.

A pesquisa pretende trabalhar com mais entrevistas, entre presos, familiares e amigos que de alguma forma presenciaram ou auxiliaram os familiares de perseguidos durante o Golpe de 64 em Rio Grande – RS. De acordo com Telles (2014, p. 31) “Sobreviventes, familiares e militantes constituíram redes de solidariedade aos presos e perseguidos políticos durante os anos de 1970 que foram cruciais para as lutas de resistência e para a democratização do país”.

O Golpe de 64 vem sendo muito debatido atualmente fora da academia, um conflito ocorre envolvendo as memórias do período. É importante que como pesquisador o acadêmico procure trabalhar de forma que contribua positivamente para essa discussão, a partir de uma pesquisa crítica, que traga novas reflexões, evitando o esquecimento de um momento violento e marcante da história do país.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FERRAZ, Joana D’Arc Fernandes; SCARPELLI, Carolina Deliamore Batista. **A Memória da Ditadura Brasileira enquanto Patrimônio Cultural**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

GANDRA, Edgar Avila. **O cais da resistência: a trajetória do Sindicato dos Trabalhadores nos Serviços Portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969**. Pelotas: EDUCAT, 2016.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória a cultura revisada**. São Paulo: Contexto, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 28 Ago. 2018.



TELES, J. A.. As denúncias de torturas e torturadores a partir dos cárceres políticos brasileiros. Intersecções. **Revista de estudos interdisciplinares**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 31-68, 2014.